



ASPECTOS MULTIMODAIS DO DISCURSO SOBRE MACHISMO EM TIRINHAS DO ARMANDINHO



MULTIMODAL ASPECTS OF THE DISCOURSE ON MACHISM IN STRIPS OF ARMANDINHO

JOELMA SOARES DA SILVA

ADRIANA DOS SANTOS PEREIRA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 31/07/2020 • APROVADO EM 02/10/2020

Abstract

This article aims to analyze the multimodal aspects of the discourse about machismo in the comic strip Armandinho, published on the social network Facebook. To achieve the proposed objective, we performed a theoretical review based on gender as a social construction (BUTLER, 2007, 2010) and in the elements discourse, ideology and hegemony as essential concepts for the understanding of Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; RESENDE, RAMALHO, 2014; THOMPSON, 2011; GRAMSCI, 1999). The corpus of the research is composed by a comic strip of great repercussion on Facebook, specialized in the thematic focus of our objective. As a methodological proposal, we performed a verb-visual analysis of discourse by means of the Fairclough's (2001) three-dimensional model and of the metafunctions of Visual Design Grammar, by Kress and van Leeuwen (2006). In the comic strip analyzed, the referenced elements in textual practices, discursive and social support the presence of a macho discourse constructed by Pudim and then deconstructed by the main character Armandinho.

Resumo

O presente artigo objetiva analisar os aspectos multimodais do discurso sobre o machismo em tirinhas de personagem Armandinho, veiculadas na rede social Facebook. Para consecução do objetivo proposto, realizamos uma revisão teórica pautada no gênero como uma construção social (BUTLER, 2007, 2010) e nos elementos discurso, ideologia e hegemonia como conceitos essenciais para a compreensão da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; RESENDE, RAMALHO, 2014; THOMPSON, 2011; GRAMSCI, 1999). O *corpus* da pesquisa é composto por uma tirinha, de grande repercussão no Facebook, relacionada ao foco temático do nosso objetivo. Como proposta metodológica, realizamos a análise verbo-visual do discurso por meio do modelo tridimensional de Fairclough (2001) e das metafunções da Gramática do *Design* Visual, de Kress e van Leeuwen (2006). Na tirinha analisada, os elementos referentes às práticas textual, discursiva e social sustentam a presença de um discurso machista construído por Pudim e, em seguida, desconstruído por Armandinho.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Multimodal critical analysis. Social gender. Comic strips.

PALAVRAS-CHAVE: Análise crítica multimodal. Gênero social. Tirinha.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, discutimos os aspectos multimodais do discurso sobre o machismo em tirinhas coletadas na página Armandinho, no Facebook. A escolha pelo gênero textual tirinha ocorreu por se tratar de uma narrativa feita por imagens constituídas de muitos signos verbais e não verbais, as quais, em maior ou menor grau, podem ser entendidas pela maioria dos leitores. Além disso, por meio do humor, as tirinhas fomentam ricas reflexões sobre diversos problemas sociais que ocorrem na modernidade tardia.

“Modernidade posterior”, “modernidade tardia” ou “modernidade reflexiva” são termos usados por Giddens (1991) para referir-se às mudanças econômicas e socioculturais ocorridas desde as três últimas décadas do século XX, em que o crescimento das tecnologias da informação influenciou consideravelmente, em virtude de seu dinamismo, as práticas discursivas.

Nicolau (2007), citado por Santos (2012, p. 93), destaca o caráter de gênero jornalístico da tirinha por considerá-la “um texto midiático com formato próprio que representa práticas socioculturais dentro de outra prática sociocultural institucionalizada como a imprensa, envolvendo produtores e receptores de mensagens”.

Nesse sentido, optamos por um *corpus* de fácil alcance ao público em geral, visto que as tirinhas analisadas estão disponíveis em uma rede social cujo conteúdo tem livre acesso. Ademais, as tiras de Armandinho, com seus traçados simples e diálogos curtos, estão longe de despertar apenas humor, funcionam como ativismo

artístico em favor de direitos de minorias, da preservação do meio ambiente e da desconstrução de hegemonias.

Em relação à temática da tirinha e ao entendimento do que é ser homem ou ser mulher, avançamos para além da diferença binária entre sexos, oriunda da biologia, e nos atemos ao universo mais complexo dos gêneros e aos papéis sociais historicamente desempenhados por eles. Posicionamo-nos adicionalmente pelo machismo como uma construção social ideológica viva em nossa cultura e como tal, sobrepuja interesses de dominação em uma constante luta pelo poder. Em decorrência, outros discursos emergem como mecanismo de resistência. Nosso interesse, portanto, reside nos aspectos multimodais que (des)constróem o discurso machista presente nas tirinhas de Armandinho.

Isto posto, revisitamos autores que abordam as questões de gênero (BUTLER, 2007, 2010) e os sentidos de discurso (FAIRCLOUGH, 2001, 2003), ideologia (THOMPSON, 2011) e hegemonia (GRAMSCI, 1999) para, posteriormente, apresentarmos nossa análise crítica multimodal (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; KRESS, VAN LEEUWEN, 2006) seguida das considerações finais e das referências que subsidiaram este trabalho.

2 GÊNERO SOCIAL: MASCULINO, FEMININO, PLURAL

A diferença é uma característica inata do ser humano, portanto, não há como nos reportarmos à diversidade, sem considerarmos igualdades e diferenças, pois são conceitos interdependentes. De acordo com Santos (1999), a igualdade é um princípio emancipatório da vida social, porém, o ser humano tem dificuldade de gerir o que Holanda (2001) denomina de dicotomia da igualdade da diferença ou diferença da igualdade.

Historicamente, a diversidade humana é pautada nas diferenças daquilo que é socialmente estabelecido como usual ou conveniente. Tais diferenças, que advêm de uma visão essencialista de ser humano, percebidas na cor da pele, na raça, no sexo, nas deficiências, entre outras, têm servido por séculos de alegação para se estipular fronteiras entre grupos.

Para além de uma perspectiva essencialista, gênero é uma construção social. Butler (2007) trata de acepções culturais adotadas pelo corpo sexuado e afirma que a construção do homem não decorre da estabilidade do sexo binário. A autora avança e defende gênero como uma manifestação de poder na sociedade que se constitui em rituais sociais (atos, gestos, realizações e representações ordinariamente constituídos) situados temporalmente (BUTLER, 2007, 2010). Tais rituais exprimem não uma mera repetição individual, mas um compartilhamento sobre o qual se assentam relações de poder e processos de naturalização. Conforme Butler (2007, p. 266), esses ritos “são performativos no sentido de que a essência ou a identidade que pretendem afirmar são invenções fabricadas e preservadas mediante signos corpóreos e outros meios discursivos”.

Nesse sentido, o cenário social experimentado pelas mulheres há séculos corrobora a visão de Butler (2010), segundo a qual a violência, o cerceamento de direitos, os estereótipos e as desigualdades no mercado de trabalho são alguns

exemplos das condições às quais elas ainda são submetidas atualmente como manifestação e naturalização das relações de poder.

Dessa forma, a construção de masculinidade e feminilidade ocorre em um recorte do contexto histórico-social. O conceito de masculinidade, porém, não pode ser reduzido ao sinônimo de homens, pois não advém do corpo biológico e sim de uma noção socialmente construída e relacionada aos eixos de espaços temporais e de cultura nos quais os significados de ser homem aliam-se a questões de sexualidade, classe, geração, entre outros (KIMEL, 2006). Assim, entendemos a masculinidade como “um lugar simbólico/imaginário [...] uma significação social, um ideal culturalmente elaborado ou sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados” (OLIVEIRA, 2004, p.13).

Vivemos em uma sociedade patriarcal e machista em que se espera do homem um determinado comportamento que o caracterize como tal. Em virtude disso, também há certas condutas que caracterizam a mulher nessa sociedade. Dessa maneira, os corpos masculinos são construídos, significados, definidos e disciplinados de acordo com a conjuntura, segundo nos alertam Eccel e Alcadipani (2012). As masculinidades são produzidas com base no contexto de cada época e cultura. Cada cultura, por sua vez, produz expectativas de condutas para homens e mulheres que são estimuladas e ensinadas para situações sociais, ou seja, são valorizadas ou extintas de acordo com as significações recebidas (*ibid.*).

Outro ponto importante é a relação de hierarquia e hegemonia entre gêneros. Por coexistirem gêneros diferentes, em dado percurso operam relações de hierarquização, hegemonia e exclusão (ECCEL; ALCADIPANI, 2012). É nesse contexto que se situam os discursos ideológicos de representação machista como manifestação de relações de poder. Gênero é, portanto, uma construção social temporal de relações de poder estabelecidas por meio de rituais/papéis que as naturalizam. Tais rituais são compostos por diferentes elementos, entre eles, o discurso.

Assim sendo, a seguir, temos uma breve discussão sobre discurso, ideologia e hegemonia, elementos imprescindíveis para o entendimento de nossa análise que se realiza por meio do modelo tridimensional de Fairclough (2001).

3 DISCURSO, IDEOLOGIA E HEGEMONIA

Ideologia e hegemonia são termos fundamentais para a compreensão de discurso consoante a Análise de Discurso Crítica (ADC), cujo principal representante é o britânico Norman Fairclough. Destacamos que a ADC de Fairclough, também conhecida como dialético-relacional, configura-se como uma abordagem teórico-metodológica de caráter transdisciplinar e emancipatório que estuda a língua em uso, sendo esta atravessada por relações de poder.

A princípio, lembramos que o termo discurso apresenta inúmeros sentidos, porém, em nossa investigação, interessam-nos os pressupostos de Fairclough (2001, 2003) para quem discurso é um dos momentos da prática social, assim como o mundo material, as relações sociais e os sujeitos com seus valores e crenças. Essa constatação traz duas consideráveis implicações acerca do discurso: (i) ele atua

como “uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91); (ii) ele constitui uma relação dialética com a estrutura social. Adotamos, portanto, o conceito faircloughiano de discurso como modo particular de representação do mundo ligado a interesses específicos.

Frisamos também que os três aspectos dos efeitos construtivos do discurso – contribuir para a construção das identidades sociais, construir relações sociais e auxiliar na constituição de sistemas de conhecimento –, correspondem respectivamente às funções da linguagem identitária, relacional e ideacional, as quais posteriormente foram recontextualizadas em significados representacional, identificacional e acional (FAIRCLOUGH, 2001, 2003).

Já a concepção de ideologia utilizada neste trabalho apoia-se no caráter inerentemente negativo e crítico de Thompson (2011), o qual compreende as ideologias como um sistema de representações que serve para construir, sustentar e naturalizar relações de dominação entre diferentes grupos sociais. Objetivando esclarecer como essas formas simbólicas atuam em circunstâncias de subordinação, Thompson (2011) identificou cinco modos pelos quais a ideologia pode efetivar-se: (i) legitimação, na qual as relações de subordinação são apresentadas como justas; (ii) dissimulação, em que as relações assimétricas de poder são construídas por meio da negação ou da ofuscação; (iii) unificação, pela qual se constroem identidades coletivas; (iv) fragmentação, em que se dividem grupos/indivíduos teoricamente ameaçadores aos grupos dirigentes; (v) reificação, que simboliza uma conjuntura transitória como algo permanente.

Em linhas gerais, a ideologia é “o sentido a serviço do poder” (THOMPSON, 2011, p. 79). Corroborando essas ideias, acrescentamos a perspectiva faircloughiana que concebe as ideologias como:

significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a *transformação das relações de dominação* (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117, grifos nossos).

Sob essa ótica, Fairclough (*ibid*, p. 28) ignora a visão althusseriana de assujeitamento do sujeito, pois há indivíduos ativos que combatem a interpelação ideológica quando se encontram em situações de desvantagem; portanto, é necessário “evitar uma imagem da mudança discursiva como um processo unilateral [...], há luta na estruturação de textos e ordens de discurso, e as pessoas podem resistir às mudanças que vêm de cima ou delas se apropriar”.

Quanto à hegemonia, Jesus (1989) aponta que, nos primeiros escritos gramscianos, já se encontram implicitamente termos como prestígio, poder e supremacia relacionados a uma necessidade imposta à classe proletária de se tornar dominante. Por conseguinte, apoiamo-nos em Gramsci (1999), que defende a hegemonia como dominação, baseada no consenso, de um grupo sobre os demais, para a análise do discurso machista nesta pesquisa.

Em consonância com a dialética do discurso presente em sua ADC, Fairclough (2003) evidencia que as lutas hegemônicas podem ser compreendidas como

disputas pela sustentação de um caráter universal para representações particulares do mundo material, mental e social. Ressaltamos que tais lutas se encontram em distintas esferas da sociedade, como família, escola, igreja, mídia e associações sindicais, as quais são responsáveis pela construção de grupos coesos que agem em prol dos princípios defendidos pela classe dominante.

A seguir, expomos o percurso metodológico trilhado com vistas à delimitação do *corpus* da pesquisa.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O material de pesquisa coletado para essa investigação é composto por duas tirinhas extraídas da página do Facebook Armandinho, reduto de uma das crianças (dos quadrinhos) mais contestadoras e críticas dos últimos anos que ganhou fama nas redes sociais. Ao navegarmos por suas publicações, entre os diversos assuntos abordados, encontramos tirinhas que explicitamente trazem marcas linguísticas que questionam o discurso machista. Por essa razão, selecionamos *Menino não chora* e *Menino não brinca de boneca* – intituladas desse modo pelas autoras –, ambas com bastante repercussão na *web* e que dialogam com a naturalização de que meninos não podem exercer determinados papéis na sociedade. Em seguida, escolhemos a tirinha de maior consumo virtual, como mostra o Quadro 1, para constituir o *corpus* desta pesquisa.

Vejam os dois textos e, logo após, os dados relacionados ao consumo de ambos.



Figura 1 - Tirinha 1, *Menino não chora*

Fonte: Página Armandinho, no Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1383148005063835/?type=3&theater>. Acesso em: 24 maio 2019.



Figura 2 - Tirinha 2, Menino não brinca de boneca

Fonte: Página Armandinho, no Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/2114754491903179/?type=3&theater>. Acesso em: 24 maio 2019

No Quadro 1 apresentamos dados da repercussão dos textos que representa seu consumo na rede social Facebook.

Tirinhas	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos
Tirinha 1 (2016)	9,1 mil	185	1,5 mil
Tirinha 2 (2018)	13 mil	196	9,2 mil

Quadro 1- Consumo virtual das tirinhas

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No que se refere à análise da tirinha selecionada, optamos pelo modelo tridimensional de Fairclough, de 1992, devido ao seu caráter didático e por sua capacidade de atender ao objetivo de nossa pesquisa, embora o modelo transdisciplinar, de 2006, seja o mais atual para os trabalhos em ADC, principalmente quando associados à etnografia crítica.

Desse modo, nossa investigação crítica dos aspectos multimodais do discurso obedece à seguinte ordem analítica, ainda que os três momentos sejam dialeticamente interligados: (i) prática textual, que se refere a elementos como vocabulário, gramática, coesão e estrutura no texto verbal, e processo, contato, distância, perspectiva, entre outros, no texto visual; (ii) prática discursiva, a qual envolve aspectos da produção, da distribuição e do consumo dos textos; (iii) prática social, que se relaciona à ideologia e à hegemonia presentes nos discursos.

Salientamos que os elementos visuais são analisados considerando os pressupostos da Gramática do *Design* Visual (GDV), de Kress e van Leeuwen (2006), uma ferramenta crítico-analítica que, à luz dos princípios semióticos e ancorada nas metafunções da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de Halliday, estuda as estruturas sintáticas próprias das imagens, as quais são dotadas de significados. Tal gramática configura-se como:

a conscientização das imagens não como veículos neutros desprovidos de seu contexto social, político e cultural, mas enquanto códigos dotados de significado potencial, imbuídos de estruturas sintáticas próprias. [...] assim como a linguagem verbal, a linguagem visual é dotada de uma sintaxe própria, na qual elementos se organizam em estruturas visuais para comunicar um todo coerente [...] (FERNANDES; ALMEIDA, 2008, p. 9).

Imbuídos dessas importantes informações metodológicas, que perpassam a investigação de textos multimodais, vamos, então, ao exercício analítico de nosso *corpus*.

5 ANÁLISE VERBO-VISUAL DA TIRINHA

Primeiramente, quanto ao *aspecto textual*, realizamos a análise crítica multimodal da tirinha a partir das categorias da ADC e da GDV elencadas no Quadro 2 a seguir.

Teorias	Categorias analíticas		
ADC (Fairclough, 2001)	Vocabulário (Significado de Palavra)	Gramática (Modalidade)	Estrutura Textual (Controle Interacional)
GDV (Kress; van Leeuwen, 2006)	Metafunção Representacional (Estrutura Narrativa)	Metafunção Interativa (Contato, Distância Social e Perspectiva)	Metafunção Composicional (Valor da Informação e Saliência)

Quadro 2 – Categorias de análise textual da tirinha

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em relação ao *vocabulário*, que trata principalmente dos vocábulos individuais, selecionamos o *significado de palavra*, pois, segundo Fairclough (2001, p. 105), registra “como os sentidos das palavras entram em disputa dentro de lutas mais amplas”. Por essa razão, destacamos os substantivos *boneca* e *pai*, os quais foram estruturados em polos divergentes e direcionam o leitor a duas representações sobre a ação de Armandinho empurrar um carrinho lilás com uma boneca dentro, são elas: (i) o posicionamento de uma sociedade patriarcal e conservadora que busca perpetuar ideologias hegemônicas; (ii) a prática de uma sociedade consciente e crítica que luta pela equidade entre os gêneros.

Acerca da *gramática*, que se refere à combinação das palavras em orações e frases, focalizamos a *modalidade*, isto é, o grau de comprometimento ou

distanciamento entre produtores e proposições, a qual pode relacionar-se a vários elementos, como verbos auxiliares modais, advérbios, indeterminações, interjeições e padrões de entonação (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, acreditamos que as orações interrogativas e exclamativas proferidas pelos participantes, durante a troca de conhecimento, revelam o grau de verdade com que cada um deles se posiciona acerca da questão discutida na tirinha: o discurso machista. Quanto a isso, Resende e Ramalho (2014) destacam que a modalidade é bastante significativa na construção de identidades e posições de sujeito, característica que pode auxiliar os leitores a reconhecer a representação de mundo destes personagens: Pudim e Armandinho.

Em termos de *estrutura textual*, a qual “diz respeito à arquitetura dos textos e especificamente a aspectos superiores de planejamento” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 106), abordamos o *controle interacional*, ou seja, um dos elementos que garante o funcionamento da interação entre os falantes. No diálogo entre os participantes da tira, o tópico gira em torno dos questionamentos *O que é isso, Armandinho?* e *Brincando de boneca?*; já a resposta *Brincando de pai!* segue um posicionamento de quebra de expectativa e deixa Pudim sem reação, revelando que Armandinho tem o controle do conteúdo da narrativa.

Quanto aos aspectos visuais, especificamente à *metafunção representacional* da GDV, que investiga a relação existente entre os participantes internos dos textos visuais, ou participantes representados (PRs), destacamos o *processo narrativo*, visto que as crianças da história são retratadas como seres dinâmicos, que vivenciam ações, caminham, falam, sorriem. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), vetores são as linhas imaginárias que indicam direcionalidade e representam construções que, na linguagem verbal, são realizadas por meio de verbos de ação. Nesse caso, o leitor, ou participante interativo (PI), acompanha três cenas narrativas nas quais facilmente é identificada a relação vetorial ação *versus* meta entre Pudim e Armandinho, configurando então uma *estrutura narrativa transacional*.

No quesito *metafunção interativa*, que estuda as técnicas de proximidade ou distanciamento entre os PRs e os PIs, sublinhamos o *contato*, a *distância social* e a *perspectiva*. Como os personagens da tira não olham para quem a vê/lê, nenhuma relação é criada entre eles e, de acordo com Kress e van Leeuwen (2006), há um contato de *oferta*, em que os participantes da imagem são oferecidos ao observador como elementos de informação.

Assim como no cinema e na fotografia, há vários modos para o enquadramento das imagens, seja este perto ou longe do leitor, e, no caso da tirinha em questão, a preferência é pelo *plano aberto*, cujos personagens são apresentados de corpo inteiro, característica que sinaliza total distanciamento do PI em relação aos PRs na narrativa. Vale ressaltar que, nas tirinhas de Beck, os adultos, incluindo os pais de Armandinho, são apresentados de modo diferente, aparecem apenas as pernas, pois eles não são os elementos mais importantes da narrativa. Quanto à perspectiva, o *ângulo oblíquo* que predomina nas cenas revela um ponto de vista de alheamento e deixa implícito que o leitor em geral não pertence ao mundo da tirinha.

Com relação à *metafunção composicional*, que interliga os componentes imagéticos em prol de um todo coerente e coeso, frisamos a *saliência* e o *valor de informação*. Este, dependendo da disposição dos elementos, pode ser organizado de três maneiras: esquerda/direita, topo/base e centro/margem. Acerca dessa

distribuição, Nascimento, Bezerra e Heberle (2011, p. 542) nos alertam quanto à diagramação adotada no texto visual, pois:

estamos culturalmente propensos a atribuir determinados valores a cada item representado conforme a área do texto em que está localizado, o que significa dizer que não há uma interpretação universal, nem puramente individual desse texto, ou seja, o momento individual de leitura é informado pelo meio social no qual o leitor está inserido.

Quanto a isso, apontamos na tirinha a localização *esquerda/direita*, em que o lado esquerdo da imagem, frequentemente o primeiro a ser visto pelos ocidentais, contém informações já conhecidas pelo leitor, nesse caso, o questionamento de Pudim que representa o discurso machista; enquanto o lado direito traz o elemento novo, a informação principal que merece maior atenção, isto é, a resposta inesperada de Armandinho, configurando o discurso contraideológico. Ressaltamos que o primeiro quadrinho é parte expressa de um todo que se complementa no segundo, na tensão narrativa, que traz um desfecho inusitado e crítico no último quadrinho.

Já a *saliência*, elemento visual capaz de chamar a atenção do PI e auxiliá-lo no caminho da leitura, aparece no sorriso amplo dos personagens: primeiramente de Pudim, simbolizando a ideologia de um discurso hegemonicamente machista; logo após, no sorriso de Armandinho, representando a sagacidade de um discurso contraideológico em relação a questões de gênero.

No tocante à *prática discursiva*, que corresponde à produção, à distribuição e ao consumo textual, as tirinhas 1 e 2 que compõem o material de pesquisa foram publicadas respectivamente em dezembro de 2016 e agosto de 2018, na página do Facebook intitulada Armandinho. Criada em novembro de 2012 e administrada pelo agrônomo, publicitário e ilustrador Alexandre Beck, pai do famoso menino de cabelo azul, a página possui mais de 1 milhão de seguidores. Ao verificar suas publicações, constatamos que o principal propósito da comunidade é veicular postagens, entre elas, tirinhas, notícias e fotografias, que façam os leitores/seguidores refletirem sobre os mais diversos temas sócio-histórico-culturais do cenário mundial contemporâneo.

No que tange ao nascimento de Armandinho, Beck (2003, p. 3) afirma:

Uma tarde me ligaram do jornal pedindo três tirinhas para ilustrar uma matéria de economia sobre pais e filhos, que iria às bancas no dia seguinte. O prazo era de poucas horas [...]. Li a reportagem, pensei em alguns roteiros e fui procurar matéria-prima. Usei o desenho de um menino que fiz para outro trabalho e desenhei dois pares de pernas para representar os pais.

Desse modo, a criação de um menino travesso como o Calvin, de Watterson, e contestador como a Mafalda, de Quino¹, ocorreu por acaso, sem nenhum planejamento, em junho de 2009; no entanto, os traços simples e as tiradas ingênuas, porém críticas, do personagem de Beck repercutiram bastante em jornais de Santa Catarina e, três anos depois, chegaram à maior rede social do mundo.

Quanto ao consumo textual, sublinhamos os estudos da pesquisadora Recuero (2014, p. 115), para quem as ferramentas “curtir”, “compartilhar” e “comentar” presentes no Facebook são de uso conversacional e, em conjunto com os *emoticons*, equivalem a fala, quer dizer, a uma “conversação mediada pelo computador”.

Nesse sentido, os 13 mil seguidores que curtiram a tirinha *Menino não brinca de boneca* investiram minimamente na comunicação, dando-lhe certo apoio de forma explícita e positiva. Assim, curtir é “uma forma menos comprometida de expor a face na situação” (*ibid.*, p.119). Conforme Goffman (1976, p. 5), citado por Recuero (2014, p. 118), “a face é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados”, ou seja, ela é constituída pelos “valores sociais positivos” que um determinado ator reivindica através de sua expressão, de sua participação em situações de interação com outros.

Já as 9,2 mil pessoas que compartilharam a postagem pretendem ampliar a sua visibilidade, pois publicaram algo passível de discussões convergentes, ou não, com os próprios posicionamentos, os quais podem (in)validar discursos machistas. Além disso, o compartilhamento “pode legitimar e reforçar a face, na medida em que contribui para a reputação do compartilhado e valoriza a informação que foi originalmente publicada” (RECUERO, 2014, p. 120).

Por outro lado, os 196 comentários acerca da tirinha equivalem a uma participação mais efetiva na prática conversacional, que demanda maior esforço e ocorre quando se tem algo a falar sobre o conteúdo textual, como nos exemplos abaixo. Frisamos que, para garantir a autenticidade dos comentários, estes foram inseridos na pesquisa sem nenhuma alteração gramatical. Vejamo-los.

(1) Tal qual o Armandinho, um garoto (3 anos) viu uma passadeira e colocou na cabeça. A avó gritou de lá: isso é de menina! Ele retrucou, dizendo: isso é de cabeça!

(2) Muito bem Armandinho! Sempre ensinando!

(3) Estamos juntos Armandinho, brincando de pai, sempre!

(4) É armandinho, aproveita pra brincar enquanto criança, porque ser pai na vida real não é pra qualquer um...

(5) Brincadeira de criança não tem gênero, é apenas brincadeira! São os adultos que separam as coisas de forma besta...

(6) Armandinho muito mais consciente que "alguns" (pra n ser específica) candidatos machistas!

(7) Se brincassem mais de pai não teriam tantas crianças sem o nome do pai na certidão, ou tantos pais doentes que estupram seus próprios filhos!

¹ Calvin e Mafalda são personagens de famosas tiras com repercussão mundial, respectivamente criados pelo norte-americano Bill Watterson e pelo argentino Quino.

(8) Ótima. A melhor resposta a pessoas q insistem com essa coisa de boneca só menina brinca. Fui comprar um presente para uma sobrinha neta. As ofertas: boneca, fogãozinho, panelinhas, e por aí vai. Só o Lego nos salva.

Assim como a resposta inusitada de Armandinho ao amigo, esses comentários corroboram a construção de um discurso contrário ao machismo e expõem claramente a opinião de alguns consumidores da tirinha. Sendo uma participação mais visível e mais engajada dos seguidores da página nas redes sociais, Recuero (2014, p. 121) chama nossa atenção para o fato de que o “dito pode ser facilmente descontextualizado quando migrar para outras redes através das ferramentas de compartilhamento, de curtida e mesmo de comentário”.

Por último, em relação à *prática social* e observando os cinco modos operacionais da ideologia conforme os estudos de Thompson (2011), destacamos a presença da *unificação* no segundo quadro da tirinha analisada, pois:

relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas através da construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independente das diferenças e divisões que possam separá-los (THOMPSON, 2011, p. 86).

Dessa forma, o questionamento inicial de Pudim sobre o fato de Armandinho estar com um carrinho de bebê e uma boneca, bem como a onomatopeia utilizada para representar risadas e a rápida conclusão de que o amigo estaria brincando de boneca remetem a uma *padronização social*, criada e (com)partilhada culturalmente por meio do senso comum, de que tal entretenimento é, ou deveria ser, exclusivamente feminino, ou ainda que a obrigação de cuidar dos filhos é apenas da mãe/mulher. Tal padronização constrói papéis que interpelam os sujeitos como se fossem verdades absolutas; no entanto, de acordo com Louro (1997, p. 24), papéis são “regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar [...]”. Assim, ao internalizar esses padrões, cada indivíduo compreenderia o adequado (e inadequado) para homens e mulheres viverem em sociedade e responderem a essas expectativas (LOURO, 1997; BUTLER, 2007; ECCEL; ALCADIPANI, 2012).

Essa perspectiva hegemonicamente patriarcal presente na segunda cena da tirinha nos transporta também à estratégia ideológica da *simbolização*, na qual, diante do paradigma linguístico de inúmeras possibilidades lexicais, os sintagmas selecionados para a realização verbo-visual do discurso machista foram boneca, carrinho de bebê e a cor lilás, os quais pertencem a um conjunto de símbolos construídos historicamente e coletivamente para representar a identidade da mulher na sociedade.

6 CONCLUSÃO

A análise que desenvolvemos nos permitiu refletir acerca dos aspectos multimodais do discurso sobre o machismo por meio do olhar sobre uma tirinha do garoto Armandinho, coletada na página do Facebook que recebe o mesmo nome. Para isso, utilizamos o modelo faircloughiano de análise tridimensional do discurso e constatamos a presença de elementos verbais e visuais que se concatenam para questionar e desconstruir discursos machistas vigentes na sociedade moderna posterior.

Na tirinha intitulada *Menino não brinca de boneca*, Armandinho exerce uma atividade cultural e hegemonicamente atribuída às mulheres: cuidar de filhos(as). A partir desse cenário, a investigação das escolhas verbais e visuais realizadas na tirinha, a análise do contexto em que ela foi produzida, distribuída e consumida, bem como a identificação de uma ideologia machista presente no texto multimodal desconstruem a imagem singular do que é ser homem na sociedade e tensionam questões acerca de papéis, padrões e símbolos impostos ao indivíduo, seja este homem ou mulher.

Desse modo, ao atacar o machismo e toda sua representatividade ideológica de poder, exclusão e sobreposição às mulheres, o discurso contraideológico contribui para práticas contrahegemônicas, colocando em pauta a pluralidade do ser e a diversidade de gênero que, consoante concepções butlerianas, independem da estabilidade do sexo binário e advêm de uma construção social, que desfaz a ideia de masculinidade pautada em posturas pré-estabelecidas.

Portanto, o trabalho investigativo apresentado neste artigo evidencia estratégias discursivas empregadas para (des)construir ideologias opressoras. O aporte teórico inserido no âmbito da ADC e o percurso metodológico-analítico adotado nos permitiu compreender como um discurso, amplamente difundido nas redes sociais e legitimado por uma parcela da sociedade, pode ser empregado de forma latente em um gênero textual na perspectiva de construir certos valores postos como verdade. No entanto, esses valores são passíveis de reflexão e ação com vistas à desconstrução e à transformação.

Assim, é na direção de desnudar essas estratégias discursivas utilizadas por sujeitos/grupos os quais buscam oprimir indivíduos/grupos sociais minoritários que nossas pesquisas pretendem seguir. Tal esforço valida a relevância social de atividades e investigações acadêmicas engajadas em prol da equidade entre os gêneros.

Referências

BECK, A. **Armandinho zero**. Florianópolis, SC: A. C. Beck, 2013.

BUTLER, J. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Barcelona: Paidós, 2007.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2010.

ECCEL, C. S.; ALCADIPANI, R. (Re) descobrindo as masculinidades. *In*: FREITAS, M. E. de.; DANTAS, M. (Org.). **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2012.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].

_____. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FERNANDES, J. D. C.; ALMEIDA, D. B. L. Revisitando a gramática visual nos cartazes de guerra. *In*: ALMEIDA, D. B. L. (Org.). **Perspectivas em análise visual**: do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008, p. 11-31.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de R. Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**: volume 1. Tradução de C. N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HOLANDA, A. Psicopatologia, exotismo e diversidade: ensaio de antropologia da psicopatologia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, PR, v. 6, n. 2, p. 29-38, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v6n2/v6n2a05.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2017.

JESUS, A. T. **Educação e hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci**. São Paulo: Cortez: Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1989.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 2006.

KIMEL, M. S. **Manhood in America: a cultural history**. 2 ed. Nova York: Oxford United Press, 2006.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

NASCIMENTO, R. G.; BEZERRA, F. A. S.; HEBERLE, V. M. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. **Linguagem & Ensino**. Pelotas, RS v. 14, n 2, p. 529-552, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/38>. Acesso em: 16 maio 2019.

OLIVEIRA, P. P. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte, MG: UFMG; Rio de Janeiro, RJ: IUPERJ, 2004.

RECUERO. R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e reverso**. Pelotas, RS, v. XXVIII, n. 68, p. 114-124,

mai./ago. 2014. Disponível em:

<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/7323/4187>. Acesso em: 28 abr. 2019.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, B. S. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Oficina do CES, n 135. Coimbra: 1999. 63p. Disponível em: http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/construcao_multicultural_igualdade_diferenca.pdf. Acesso em 11 ago. 2018.

SANTOS, R. E. Riso cotidiano: as estratégias de humor nas tiras norte-americanas. *In*: SANTOS, R. E; ROSSETI, R. (Orgs.). **Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 75-100.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Tradução do Grupo de estudos sobre ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de psicologia da PUCRS. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

Para citar este artigo

SILVA, J. S. da.; PEREIRA, A. dos S. Aspectos multimodais do discurso sobre machismo em tirinhas do Armandinho. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 01-15.

As Autoras

JOELMA SOARES DA SILVA é doutora e mestra em Administração. Professora Adjunta do Departamento de Administração da Universidade Federal do Ceará (UFC). Integrante do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso Crítica, Representações, Ideologias e Letramentos (GPADC/UECE/CNPq).

ADRIANA DOS SANTOS PEREIRA é doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC/CE). Integrante do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso Crítica, Representações, Ideologias e Letramentos (GPADC/UECE/CNPq).